

**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## Palimpsesto Porto Maravilha: narrativas digitais e urbanas como representações culturais<sup>1</sup>

**Mariana Frota Agum**  
PROARQ-UFRJ

**Ana Paula Pereira de Campos Lettieri**  
PROARQ-UFRJ

**Paolla Clayr de Arruda Silveira**  
PROARQ-UFRJ

### Sessão Temática 06: Cidade, história e identidade cultural

*Resumo. O presente estudo teve como objetivo representar as camadas visíveis e invisíveis que conformam a paisagem de um recorte geográfico localizado no Porto Maravilha (Rio de Janeiro/RJ), tomando como base os registros históricos e as narrativas, a fim de discutir os atravessamentos observados entre elas. No trecho em questão, sucederam-se significativas transformações ao longo do tempo, cujas marcas encontram-se sobrepostas na paisagem. Ademais, dada a sua importância histórica e centralidade em relação ao tecido urbano, caracteriza-se por uma expressiva diversidade de memórias, aspectos culturais, usos, apropriações e, também, contradições, expressando significados diversos. Visando compreender as representações culturais que se constituem sobre o local e representar suas diferentes camadas, foram estabelecidos três focos de investigação - no processo histórico de transformação da paisagem, nas narrativas digitais como elementos de percepção da paisagem e nos discursos urbanos através do picho e do graffiti. Para tanto, foram adotadas ferramentas digitais como o Google Maps, Earth e Street View, além do Instagram, para o levantamento de dados e narrativas que, após serem analisadas, foram convertidas em cartografias. Os resultados obtidos expõem as múltiplas interações entre as camadas analisadas e seus reflexos sobre como a paisagem é percebida e expressa nas narrativas digitais e urbanas.*

*Palavras-chave: Paisagem; Percepção; Discursos urbanos; Porto Maravilha.*

### Porto Maravilha Palimpsest: digital and urban narratives as cultural representations

**Abstract.** *This study aimed to represent the visible and invisible layers that conforms to the landscape of a geographical clipping localized in Porto Maravilha (Rio de Janeiro/RJ), based on historical records and narratives, in order to discuss the crossings observed between them. In the stretch in question, significant transformations took place over time, whose marks are superimposed in the landscape. Furthermore, because of its historical importance and centrality in relation with urban tissue, characterizes by an expressive diversity of memories, cultural aspects, uses, appropriations and, also, contradictions, expressing different meanings. Aiming to understand the cultural representations that constitutes about the place and to represent its different layers, there were established tree investigations focus - in the historical transformation process of the landscape, in the digital narratives like landscape perception elements and in the urban speeches through picho and graffiti. Therefore, it was adopted digital tools like Google Maps, Earth and Street View, beyond Instagram, for data surveys and narratives that, after being analyzed, were converted into cartographies. The acquired results exposes the multiple interactions between the analyzed layers and its reflections about how the landscape is perceived and expressed in digital and urban narratives.*

*Keywords: Landscape; Perception; Urban speeches; Porto Maravilha.*

### Palimpsesto Porto Maravilha: narrativas digitais y urbanas como representaciones culturales

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com o apoio da CAPES

---

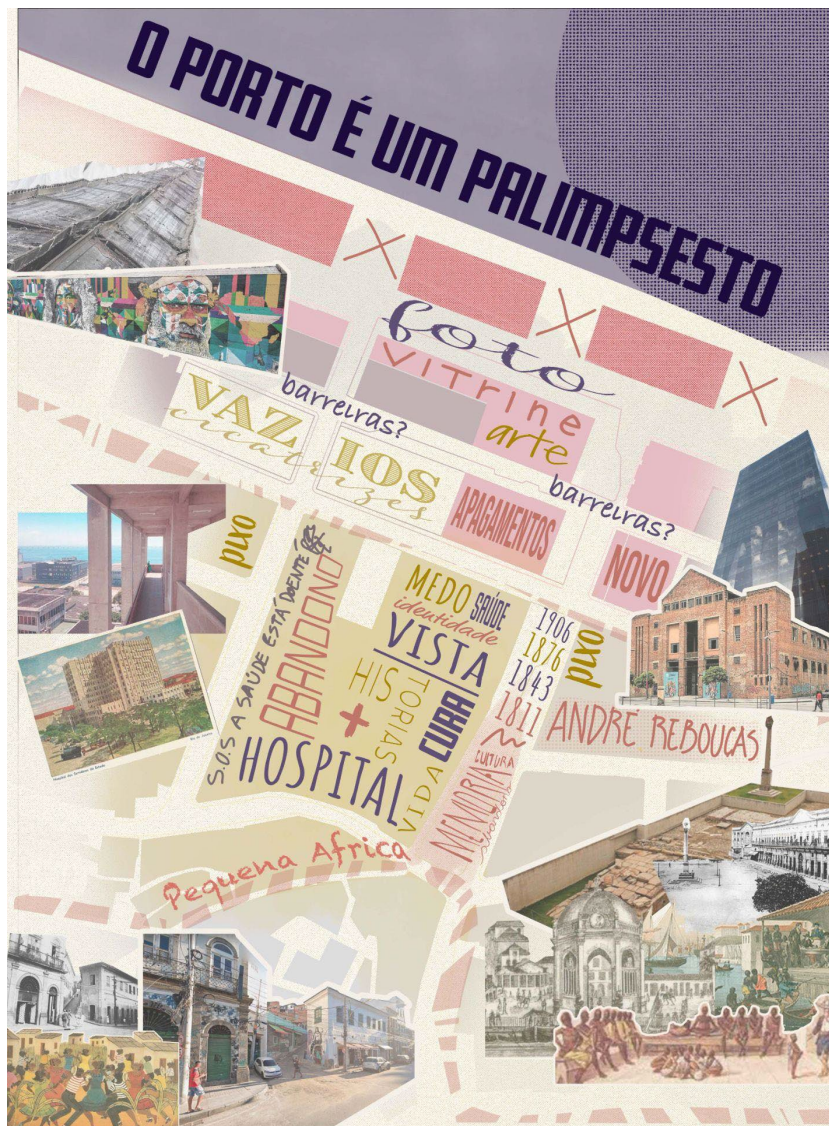
**Resumen.** *El presente estudio tuvo como objetivo representar las capas visibles y invisibles que componen el paisaje de un recorte geográfico ubicado en Porto Maravilha (Rio de Janeiro/RJ), a partir de registros históricos y narrativas, con el fin de discutir los cruces observados entre ellas. En el tramo en cuestión se produjeron importantes transformaciones a lo largo del tiempo, cuyas marcas se superponen al paisaje. Además, dada su importancia histórica y centralidad en relación con el tejido urbano, se caracteriza por una expresiva diversidad de memorias, aspectos culturales, usos, apropiaciones y también contradicciones, expresando diferentes significados. Con el objetivo de comprender las representaciones culturales que se constituyen sobre el sitio y representan sus diferentes capas, se establecieron tres focos de investigación - en el proceso histórico de transformación del paisaje, en las narrativas digitales como elementos de percepción del paisaje y en los discursos urbanos a través de el picho y de el grafiti. Para ello, se adoptaron herramientas digitales como Google Maps, Earth y Street View, además de Instagram, para recopilar datos y narrativas que, luego de ser analizadas, se convertían en cartografías. Los resultados obtenidos exponen las múltiples interacciones entre las capas analizadas y sus reflexiones sobre cómo se percibe y expresa el paisaje en las narrativas digitales y urbanas.*

*Palabras clave: paisaje; percepción; discursos urbanos; Porto Maravilha.*

## 1. Introdução

A região portuária do Rio de Janeiro é uma personagem que passeia pelos mais diversos períodos históricos do Brasil, desde sua monarquia escravocrata até sua república rodoviária, sendo marcada pelos conflitos e contradições presentes em cada um desses tempos. Este espaço, que já foi o principal porto de entrada de escravizados no mundo (LIMA et al., 2016), é considerado hoje uma das principais atrações turísticas e vitrine internacional da cidade do Rio de Janeiro (LIMA, 2013).

Este artigo se volta para o estudo das narrativas urbanas presentes na região do Porto Maravilha, no trecho entre a orla da Baía da Guanabara e a Rua Sacadura Cabral, cercado pela Avenida Barão de Tefé e Rua Souza e Silva, a fim de compreender a construção histórica e coletiva da percepção da paisagem. Na Figura 1 é apresentada a cartografia da região a ser analisada, reunindo alguns elementos que caracterizam o lugar, assumindo o caráter de palimpsesto urbano no território entre os bairros da Gamboa e da Saúde no Rio de Janeiro.



**Figura 1.** Cartografia síntese dos processos históricos, narrativas digitais e discursos urbanos no recorte geográfico no Porto Maravilha (fonte: elaborada pelas autoras).

Este território é marcado por contradições, conflitos, resistências e apagamentos. Cada repaginação do Porto buscava, com frequência, negar seu passado e apontar para o progresso sem uma revisão crítica da realidade existente, soterrando as narrativas de cada tempo. E, apesar deste constante movimento de revitalização, a degradação sempre se recolocava (LIMA et al., 2016). A busca forçada por transparecer uma imagem coesa de seu tempo, tantas vezes afastada

da realidade, abafa a multiplicidade de narrativas e o real caráter dessa região. Segundo Ricoeur (2007), é justamente nessa multiplicidade que se deve pautar a construção da história de uma coletividade.

Todo este processo de pesquisa foi realizado de forma remota, através de ferramentas digitais, por conta do isolamento social decorrente do enfrentamento da pandemia de Covid-19, cabendo ressaltar que esta condicionante foi relevante para explorar as ferramentas de pesquisa possíveis e disponíveis.

Neste contexto, as explorações realizadas foram centradas em duas linhas principais: narrativas digitais como elementos da percepção da paisagem e nos discursos urbanos, através do picho, picho e do graffiti. Para tal, além de um levantamento histórico da região para compreender a complexa construção desse tecido urbano e desta memória, foram empregados comentários de avaliações de lugares presentes no Google Maps, postagens realizadas no Instagram e mapeamento visual por passeio virtual através do Google Street View e Google Earth.

O trabalho realizado oferece a possibilidade de revelar algumas das narrativas presentes frente às relações estabelecidas entre as camadas deste complexo território, e busca, assim, o conhecimento das formas com que essa paisagem é construída no imaginário cultural e coletivo, observando como apagamentos e memórias se entremeiam no palimpsesto do Porto Maravilha.

## 2. Estratégias metodológicas

Como afirmou Bonta (1978), nenhuma obra fala por si, e, quando está separada de pautas culturalmente estabelecidas, se impõe a necessidade de um trabalho coletivo de clarificação, faz-se necessário verbalizar o significado, e, para tanto, torna-se mister reunir os conceitos-chave num mesmo processo a fim de realizar a busca pelos fatores invisíveis que compõem uma determinada paisagem urbana, ao entender que há atuação conjunta desses elementos na cidade.

Nesse sentido, foram definidos focos de investigação e, para cada foco, os meios de coleta de dados e informações, como fontes e documentos de pesquisa, além da definição quanto aos dispositivos e ferramentas estratégicas para leitura e análise desses dados e seus resultados, quando entrecruzados, organizados pelo seguinte quadro:

Quadro 1. Organização dos focos de pesquisa e estratégias metodológicas (fonte: elaborado pelas autoras).

Camada	Foco da investigação	Fontes e documentos	Dispositivos e ferramentas
Histórica	Processo histórico de formação e modificação da paisagem	Mapas, Fotografias e pinturas, Cartões postais, Manuscritos e relatos históricos	Levantamento na base ImagineRio e organização com análises cartográficas.
Narrativas digitais	Narrativas como elementos da percepção da paisagem	Avaliações no Google Maps e Postagens no Instagram	Levantamento, organização, tabulação e análises com base no QGIS e manipulação no Autocad.
Narrativas urbanas	Discursos urbanos através do picho/pixo e do graffiti	Passeio virtual pelo Google Street View e Google Earth	Mapeamento visual, com base no QGIS e manipulação no Autocad.

Ao propor a composição do processo de pesquisa, ficam claras as tomadas de decisão ao longo do texto, sempre com a intenção de fazer um alinhamento entre as camadas que estão sendo observadas e seus pontos de confluência.

## 3. Desenvolvimento e análise de camadas

Cada ponto do espaço urbano, como suas vias, construções, terrenos baldios ou semi construídos, contribuem para a formação de uma malha informacional, um emaranhado de signos expressos em um intrincado processo fenomenológico e semiótico. Nesse sentido, é possível conceber a cidade como um palimpsesto, que permite várias leituras pelas suas múltiplas camadas sobrepostas, atuando com um terreno a ser cruzado e, por isso, mapeado. A sobreposição de tais camadas busca expressar toda a riqueza, singularidade e contradições que permeiam este palimpsesto.

As próximas seções possuem o objetivo de apresentar as informações e análises dos dados pesquisados sobre o recorte em tela, no Porto Maravilha, na perspectiva de vê-los como camadas do mesmo lugar, que o concebem como território, possuidor de implicações historiográficas e socioculturais, pois como afirma Orlandi (2008, p. 21), “a cidade é um espaço simbólico com sujeitos vivendo ‘dentro’”.

Dana Arnold (2002) já dizia que a linha da história pode ser uma rota, mas a arquitetura e os ambientes urbanos são complexos e, portanto, querer endireitar a cadeia de fatos somente por este viés pode esclarecer ou obscurecer a leitura desses fenômenos, e é nesse entendimento que está o propósito deste artigo: ousar buscar a singularidade do visível e invisível na transversalidade das camadas, sejam elas materiais ou intangíveis.

### *3.1 Processo histórico de formação e modificação da paisagem*

A história, para Ricoeur (2007), é sempre baseada no confronto de narrativas, um jogo entre as diversas memórias sobre um tempo, que é definido por quem irá narrar a versão dos fatos. A história, portanto, é dotada de um viés, fundamentada, geralmente, no discurso das forças dominantes. Nesse sentido, o autor coloca o esquecimento como uma ação, ou seja, a prática do esquecimento, ou então o oposto, como o dever de não esquecer, e coletivamente essa balança depende, muitas vezes, do que se valoriza em cada tempo, do que a narrativa dominante deseja ou não esquecer.

Nos meandros da história do Porto do Rio de Janeiro, o esquecimento se faz presente em cada grande reforma. Camadas são adicionadas, as mazelas são enterradas, culturas apagadas. Cicatrizes vão sendo deixadas no tecido urbano, restos de um tempo passado que resiste. Ainda assim, o Porto é um terreno fértil, suas camadas se misturam formando uma trama cultural diversa e única. Para entender esta trama é preciso remontar às origens controversas de sua ocupação e dos apagamentos que se sucederam ao longo dos anos.

No talvegue<sup>2</sup> entre o morro da Conceição e do Livramento, por onde as águas de suas encostas eram drenadas e desaguavam na baía de Guanabara, encontra-se a região conhecida como Valongo, supressão dos termos vale e longo. Originalmente um subúrbio pacato da cidade do Rio de Janeiro, o local ganhou importância em meados de 1811, quando o mercado de escravos e porto de entrada de navios negreiros foi transferido para a região (LIMA et al., 2016). Esta atitude foi tomada como estratégia da Corte para retirar do centro da cidade tal atividade tão estigmatizada, e afastar dos “olhos da sociedade” local os horrores praticados, especialmente após a chegada da família real no Brasil.

O então estabelecido mercado de escravos do Valongo contava com um cais para o desembarque de africanos recém chegados, lazareto para isolamento e quarentena dos que chegavam acometidos de alguma enfermidade, um mercado para o comércio daqueles que se encontravam

---

<sup>2</sup> Conforme o Manual de Drenagem (2006), talvegue significa a linha que com o decorrer do tempo fica na parte mais profunda de um rio ou um vale. e bem acrescenta Finkler (2010) que os talvegues são depressões (vales) e indicam que nestes locais ocorre concentração de escoamento.

em condições de serem vendidos e o cemitério dos pretos novos para os que não resistiam às mazelas de todo esse processo. (PEREIRA, 2007)

O mercado de carne humana do Valongo transformou esse subúrbio afastado da cidade em uma região de intensa movimentação, abrigando inúmeras atividades e o desembarque das mais diversas mercadorias (LIMA et al., 2016). Neste período, o cais do Valongo se tornou o principal porto de entrada de africanos para serem escravizados do mundo, recebendo entre 1811 e 1831 cerca de 550 mil indivíduos. Esse volume de chegada assustador só começa a ter uma redução em 1831, quando “foram livres todos os africanos que entrassem no país a partir daquela data” (LIMA et al., 2016, p. 307).

Após a desativação do mercado de escravos, o cais do Valongo é escolhido para ser o porto de entrada da Imperatriz Teresa Cristina, que vinha para o Brasil para oficializar seu casamento com D. Pedro II. Entretanto, tratando de-se de uma região degradada e estigmatizada pelo tráfico de escravos, para receber essa comitiva se fez necessária uma transformação geral da região. Era preciso criar uma nova identidade, mais moderna e sofisticada, ocultando sua tão controversa história. Sendo assim, em 1843 o Cais do Valongo passa por uma drástica reforma e é rebatizado de Cais da Imperatriz, enterrando literalmente as memórias de seu passado escravocrata, sob as pedras dessa nova identidade.

Nos anos que se seguiram, toda a região do Valongo passou por reformas, implementando estruturas para aumentar a capacidade portuária e buscando qualificar a região, isto porque, após o desembarque da Imperatriz, o cais serviu como ponte de atracação por mais seis décadas. No entanto, não demorou muito para que a região começasse a sofrer com uma severa degradação estrutural e social, sendo necessárias constantes intervenções ao longo dos anos (LIMA et al., 2016). Além disso, era evidente a defasagem tecnológica do Cais da Imperatriz em relação às demandas portuárias internacionais. Assim, em 1904, durante o período de reformas de Pereira Passos, o porto passou novamente por uma drástica reformulação (LIMA, 2013).

Esse novo momento do porto foi marcado pela necessidade de reafirmação do Brasil como uma república moderna e alinhada com as tendências internacionais. Quilômetros de aterro são depositados em toda região portuária, enterrando de vez o cais da imperatriz e as memórias do império. Toda a região é reformulada, implantando não só estruturas portuárias, mas espaços condizentes com a imagem que se desejava imprimir, como é o caso dos Jardins Suspensos do Valongo, com um estilo neoclássico, criando jardins aos moldes franceses, dignos da Belle Époque carioca, no local onde antes funcionavam os galpões do mercado de escravos do Valongo (JORDÃO, 2013).

Nos mesmos moldes do ideal da modernidade, em 1934 é inaugurado o Hospital Federal dos Servidores do Estado, um hospital referência com as mais avançadas tecnologias para a época. Sobre o seu projeto, Morínigo conta que:

A Comissão Julgadora declarou tratar-se de um trabalho que colocava o Hospital, à rua Sacadura Cabral, entre os melhores existentes no mundo. O Prof. Annes Dias explicitou que a execução do projeto era a do melhor hospital da América do Sul. O Prof. Brandão Filho disse: ‘a concepção técnico-hospitalar é uma perfeição’. O Prof. Mário Kroeff acrescentou: ‘à beleza da estrutura há de corresponder o valor do seu serviço médico’ (MORÍNIGO, 2001).

Outro fato importante decorrente da reforma Pereira Passos no início do séc XX foi o deslocamento populacional para a região. Lima (2013) explica que, com a retirada dos cortiços das regiões mais centrais da cidade, a população passou a ocupar os bairros das adjacências do Porto, como Saúde e Gamboa, que ficaram conhecidos como Pequena África.

Apesar dos esforços de qualificação da região empregados nesse mesmo período, diversos fatores fizeram com que o Porto caísse novamente em um período de decadência. Segundo Lima (2013), o primeiro deles foi a descentralização da cidade, espalhando seu crescimento para as zonas sul e norte, resultando em um decréscimo populacional considerável na região.

A construção da Via Perimetral também teve uma grande relevância, uma vez que acabou ofuscando a visibilidade e isolando o Porto do restante do tecido da cidade. Por fim, a “conteneurização” do transporte de cargas fez com que a estrutura portuária em galpões ficasse obsoleta, culminando na transferência das atividades de transporte de cargas pesadas para o Porto de Sepetiba, em 1982 (SIRKIS, 2004).

Em 2012 o Porto do Rio de Janeiro passa novamente por uma reformulação, tendo o controverso viaduto da perimetral demolido e parte da estrutura portuária convertida para outros usos. Durante as obras são feitas as escavações arqueológicas do cais do Valongo e da Imperatriz, desenterrando esse passado que por tantas vezes buscaram apagar. Em seu texto, Lima (2016) ressalta a importância deste acontecimento para a memória da região e para a reflexão sobre o passado escravocrata brasileiro.

Suas pedras exalam racismo, intolerância e opressão no limite, de modo que sua exposição provoca reflexões e inspira consciência social. Mais ainda, opera como um antídoto contra a amnésia social instalada em alguns dos mais dolorosos episódios do regime escravista (LIMA et al., 2016, p. 302).

Nesse movimento por evidenciar narrativas históricas importantes, lugares de resistência e preservação cultural como a Casa da Tia Ciata, sede da Organização dos Remanescentes da Tia Ciata (ORTC), espaço destinado a preservar a história da matriarca do samba, são essenciais para dar forças a essas narrativas dentro das disputas de memórias. “Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades” (POLLAK, 1989, p. 3).

Essa disputa da memória marca a trajetória do Porto do Rio, especialmente no caso da região do Valongo em suas inúmeras reestruturações. Lima (2016) destaca o fato de que apesar dos constantes esforços em revitalizar a área, os estigmas do passado da região portuária sempre acabam fazendo com a degradação se reinstale. “Entretanto, foi precisamente por conta desse estigma que sobreviveram algumas das mais vigorosas manifestações culturais da população afrodescendente nela radicada”.(LIMA et al., 2016, p. 380). Tais manifestações culturais “constituem hoje um patrimônio inestimável da nação brasileira” (LIMA et al., 2016, p. 380).

Por conta da relevância nacional da região, estudar a história do Porto é, muitas vezes, passear pela própria história do Brasil. De um Brasil escravocrata, monárquico, republicano, desigual, progressista, moderno, degradado, turístico. Um Brasil em que a história oficial entra em disputa com as narrativas de um povo.

E neste palimpsesto que é o Valongo, onde todos esses períodos históricos se entremeiam, estudar as narrativas do presente através de suas mais diversas formas de expressão é tecer a história de forma coletiva, portanto mais plural e autêntica, como coloca Ricoeur (2007), e a este propósito servirão as próximas seções deste trabalho.

### *3.2 Narrativas digitais como elementos da percepção da paisagem*

A paisagem urbana está em constante transformação, decorrente tanto de ações da natureza quanto de práticas humanas, “[...] é o resultado de uma acumulação de tempos” (FILHO, 2012, p.26) e, em virtude disso, torna-se capaz de narrar histórias e exprimir uma sobreposição de alterações contínuas que deixam marcas sobre a mesma. Configura-se como “[...] produto da interface entre a natureza e cultura, e, conseqüentemente, abrange múltiplos aspectos e sentidos, além do visual” (SCHLEE et al., 2009, p.233), sendo que sua apreensão está ligada a uma ótica de percepção humana, a um ponto de vista social (MACEDO, 2015).

Desse modo, a percepção constitui-se como um fator fundamental para a compreensão da relação entre o homem e a paisagem por ele experienciada. Trata-se de “[...] uma dimensão de análise

que permite identificar as diferenciações espaciais segundo as diferentes visões de mundo, anseios e expectativas [...]” (MACEDO et al., 2018, p.159).

Nesse sentido, o estudo das narrativas apresenta-se como um interessante instrumento, “[...] que revela percepções de mundo que estão permeadas de visões sobre a cidade, presentes na memória individual que se interliga com a memória do grupo social” (MASSONI et al., 2017, p.149). Para o levantamento de tais narrativas, as ferramentas digitais, dentre as quais se pode citar aplicativos, sites e redes sociais, constituem-se como caminhos possíveis, especialmente diante das limitações impostas pela pandemia de COVID-19, que tornaram necessárias alternativas remotas para coleta de dados.

Nesse contexto, com o intuito de compreender as percepções das pessoas em relação ao recorte estudado neste artigo, adotou-se a análise das narrativas digitais a partir de duas fontes principais: os comentários realizados nas avaliações sobre lugares no Google Maps e as legendas vinculadas à marcações em fotografias compartilhadas no Instagram.

Tendo em vista que em ambas as fontes era inviável encontrar narrativas que contemplassem a área de estudo como um todo, a pesquisa se deu com referência a locais específicos nela compreendidos, utilizando-se como critério que recebessem grande público e, portanto, fossem de amplo conhecimento, o que garantiria a sua presença nas avaliações no Google Maps e marcações no Instagram, além de uma certa abrangência de visões. Assim, de modo a preencher tais requisitos, foram identificados o Jardim do Valongo, a Casa da Tia Ciata, o Cais do Valongo, o Mural Etnias e o Hospital Federal dos Servidores do Estado (HFSE), os quais serão denominados como “locais de referência” ao longo desta seção.

As narrativas sobre os quatro primeiros foram coletadas nas avaliações existentes no Google Maps, enquanto as sobre o HFSE foram levantadas em marcações no Instagram. Tal diferença se deu pelo fato de que, após uma análise inicial, percebeu-se que os comentários relativos ao HFSE presentes no Google Maps, em sua grande maioria, diziam respeito apenas à qualidade do atendimento obtido pelos usuários do hospital, contribuindo pouco com o objetivo da análise. Por outro lado, nas marcações no Instagram os textos revelavam aspectos bastante interessantes sobre a percepção das pessoas em relação a ele no contexto da paisagem adjacente.

Para o levantamento e coleta de dados no Google Maps foi adotado o seguinte percurso: busca pelo nome do local de referência no Google (1); identificação e seleção preliminar dos comentários que refletiam percepções sobre o local de referência pesquisado (2); análise dos comentários selecionados preliminarmente e destaque das palavras-chave que expressavam as percepções (3); agrupamento das palavras-chave ou termos correlatos que expressassem percepções semelhantes (4); verificação da frequência de aparecimento das palavras-chave (5) e sistematização das informações em quadros (6), conforme exemplo apresentado a seguir (Quadro 2).

Quadro 2. Levantamento das principais percepções da paisagem através das narrativas digitais (fonte: elaborado pelas autoras).

<b>Local de referência:</b>		
<b>Fonte e data da coleta de narrativas:</b>		
<b>Quantidade de Menções</b>	<b>Percepções (palavras-chave/expressões)</b>	<b>Observações gerais</b>

Para o levantamento e coleta de dados no Instagram o processo ocorreu de forma bastante semelhante, diferenciando-se pela fonte da busca, que ocorreu na própria rede social através do



nome “Hospital Federal dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro” na categoria “locais”. Neste caso, foram levantados os textos escritos pelos usuários responsáveis pela postagem da fotografia no Instagram, seguindo o mesmo processo descrito anteriormente.

Vale destacar que o volume de comentários no Google Maps referentes a alguns dos locais pesquisados era significativamente elevado, o que, dentro das circunstâncias do estudo, inviabilizaria a análise de todos eles. Desse modo, considerando-se que o Google organiza os comentários por ordem de relevância, adotou-se como critério analisá-los até o momento em que parassem de aparecer conteúdos de interesse para a pesquisa, ou seja, que expressassem a percepção das pessoas sobre o local. Já para as marcações no Instagram, adotou-se como critério levantar os textos vinculados às fotografias nas quais o HFSE (ou vistas do entorno a partir dele) aparecessem, as quais acredita-se que teriam maior probabilidade de conter conteúdos de interesse para o estudo.

A partir dos cinco quadros gerados, um para cada local de referência estudado, foi possível identificar as principais percepções das pessoas em relação a eles. Entretanto, como objetivava-se representar tais percepções através de um mapeamento e analisar as informações levantadas de modo a compreender as representações culturais do recorte geográfico como um todo, foi necessário compatibilizar as informações levantadas. Para tanto, foi feito um cruzamento de informações entre os quadros, visando traduzir as percepções em termos-síntese, conforme indicado no Quadro 3.

Quadro 3. Sintetização das principais percepções levantadas nas narrativas digitais (fonte: elaborado pelas autoras).

<b>Termos síntese adotados</b>	<b>Relação com as principais percepções levantadas nas narrativas digitais</b>
Importância histórica e/ou cultural	As narrativas reconhecem e destacam o valor histórico e/ou cultural do local, ressaltando seu papel enquanto testemunhos, manifestos, expressões, resistências, entre outros.
Potencial de evocar memórias coletivas e/ou individuais	Nas narrativas as pessoas mencionam que o local tem a capacidade de trazer recordações em virtude de sua carga histórica ou em decorrência de alguma experiência pessoal vivenciada ali. Em alguns casos, relatam de forma específica alguma lembrança pessoal ou coletiva.
Potencial de evocar emoções negativas	Nas narrativas as pessoas relatam sentir emoções que podem ser classificadas como negativas ao passar pelo local ou estar nele, como tristeza, sofrimento, vergonha, dor, angústia, entre outras.
Indícios de abandono e/ou falta de manutenção adequada	As narrativas destacam a ausência de ações do poder público ou outros atores responsáveis pelos cuidados com o local ou apontam de forma direta exemplos que denotam tal fato, como a falta de sinalização adequada, os cheiros desagradáveis, a presença de lixo, entre outros.
Incentiva a reflexão e/ou imersão	Nas narrativas as pessoas mencionam que o local tem a capacidade de levar à reflexão em virtude de sua carga histórica e/ou emocional ou, ainda, em decorrência de alguma experiência pessoal vivenciada ali.
Possibilita belas vistas do entorno	As narrativas mencionam que, a partir do local, é possível contemplar belas vistas do entorno ou expressam de forma direta a beleza das vistas que observaram dali, através de expressões como “vista linda”, “uma das vistas mais lindas do Rio”, entre outras. No caso específico do HFSE, cujo levantamento foi feito no Instagram, o grande quantitativo de fotos de servidores com destaque para a paisagem vista a partir dele também evidencia essa percepção.

Gera sensação de insegurança	Nas narrativas as pessoas apontam o local como sendo inseguro, mencionam que não se sentem seguras ali e/ou relatam de forma direta exemplos de situações às quais atribuem a insegurança, como ausência de outras pessoas no local, inexistência ou insuficiência de policiamento, proximidade com alguma comunidade, presença de moradores de rua e usuários de drogas, iluminação inadequada, entre outros.
Gera sensação de segurança	Nas narrativas as pessoas apontam o local como sendo seguro, mencionam que se sentem seguras ali e/ou relatam de forma direta exemplos de situações às quais atribuem a segurança, como a presença constante de pessoas, boa iluminação e presença de policiamento.
Atraí pela beleza	As narrativas destacam a beleza do local através de expressões como “lindo”, “maravilhoso”, “muito bonito” e outras semelhantes.
Favorece a interação familiar e/ou social	As narrativas apontam o local como sendo bom para estar e interagir com a família e com amigos.
Ambiente agradável	Nas narrativas as pessoas se referem ao local a partir de expressões como agradável, calmo, tranquilo, aconchegante, entre outras similares.
Aspecto peculiar/inusitado	Nas narrativas as pessoas se referem ao local como tendo uma beleza “diferente”, “peculiar”, “inusitada”, possuindo características que se destacam do comum ou do entorno no qual se situam.
Ausência de adequada valorização	Nas narrativas normalmente aparece associada ao reconhecimento da importância histórica e/ou cultural do local, como um lamento ou protesto pela falta de valorização por parte do poder público e/ou da própria população.
Carregado de simbolismos/significados	Nas narrativas as pessoas mencionam que o local reflete simbolismos/significados em virtude de sua carga histórica ou em decorrência de alguma experiência pessoal vivenciada ali. Em alguns casos, fazem relatos de forma específica.
Bom para tirar fotos	Nas narrativas as pessoas se referem ao local como sendo bom tirar fotos.
Propicia o lazer/contemplação	As narrativas apontam que o local possibilita atividades de lazer/contemplação e/ou relatam de forma direta usos propiciados pelo local, como passear, sentar nos bancos, observar, andar de bicicleta, entre outros.
Reconhecido como ponto turístico	Nas narrativas as pessoas expressam de forma clara e direta que o local se trata de um ponto turístico da cidade.
Considerado obra de arte ou museu à céu aberto	Nas narrativas as pessoas se referem ao local como sendo uma obra de arte ou museu à céu aberto.

Os resultados obtidos foram, então, transformados em uma representação cartográfica elaborada no Autocad sobre base de imagens de satélite do Google Earth Pro, atualizadas em outubro/2021, na qual: as cores correspondem a cada um dos cinco locais de referência; os números, às principais percepções presentes nas narrativas analisadas; e a variação no tamanho dos círculos, à frequência com que foram identificadas, conforme a Figura 2, a seguir.

No que diz respeito à análise do recorte geográfico como um todo, foi constatada, a partir das narrativas, uma visão geral como sendo detentor de importância histórica e cultural, o que se justifica pelas próprias características dos cinco locais de referência e de seu entorno. Ademais, conforme é possível notar no quadro anexo da Figura 2, também estão presentes nas narrativas sobre todos ou quase todos os locais de referência, podendo, portanto, refletir uma visão do

recorte geográfico, o potencial de evocar memórias, tanto coletivas quanto individuais, e a presença de uma forte carga simbólica.



Principais percepções presentes nas narrativas	Locais de referência das narrativas				
	Jardim do Valongo	Casa da Tia Ciata	Cais do Valongo	HFSE	Mural Etnias
1	Importância histórica e/ou cultural				
2	Potencial de evocar memórias coletivas e/ou individuais				
3	Potencial de evocar emoções negativas				
4	Indícios de abandono e/ou falta de manutenção adequada				
5	Incentiva a reflexão e/ou imersão				
6	Possibilita belas vistas do entorno				
7	Gera sensação de insegurança				
8	Gera sensação de segurança				
9	Atrai pela beleza				
10	Favorece a interação familiar e social				
11	Ambiente agradável				
12	Aspecto peculiar/inusitado				
13	Ausência de adequada valorização				
14	Carregado de simbolismos/significados				
15	Bom para tirar fotos				
16	Propicia o lazer/contemplação				
17	Reconhecido como ponto turístico				
18	Considerado obra de arte ou museu à céu aberto				

**Figura 2.** Principais percepções presentes nas narrativas sobre o Jardim do Valongo, Casa da Tia Ciata, Cais do Valongo, HFSE e Mural Etnias (fonte: elaborada pelas autoras).

Um dos comentários levantados no Google Maps sobre a Casa da Tia Ciata exemplifica tal percepção ao destacá-la como uma “Casa importante na manutenção e história de quem foi a baiana Tia Ciata”. Local de valorização da cultura negra no Rio de Janeiro, de seu patrimônio material e imaterial [...]”. Já no HFSE, as narrativas levantadas no Instagram exprimem experiências de cunho pessoal, como a de um ex-paciente que, ao postar uma fotografia da fachada do hospital com uma das janelas em destaque relata “Tá vendo essa janela? Há cinco anos atrás eu estava debaixo dela, por dentro dessa parede, me recuperando de uma terrível internação [...]”.

Conforme afirma Sposito (2005), a cidade atual resulta do complexo e cumulativo processo de construção urbana, o qual envolve sempre “[...] todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações”. (SPOSITO, 2005, p.11), e essa sobreposição de camadas temporais é percebida e reconhecida pelas pessoas que experienciam o recorte geográfico do Porto Maravilha estudado no presente artigo.

Tendo em vista que a paisagem se configura como um cenário das experiências sociais e pessoais, não só as memórias coletivas vêm à tona ao entrar em contato com os símbolos presentes nestes locais, mas também as lembranças individuais. No caso do Cais do Valongo, Casa da Tia Ciata e Jardim do Valongo, as narrativas perpassam pela história do local, por sua representatividade. Já no HFSE, à imagem do edifício são atribuídas lembranças de momentos vivenciados ali enquanto pacientes e profissionais da instituição, destacando-se um sentimento de gratidão e superação, mesmo que permeados pelo sofrimento.

Nesse sentido, as narrativas levantadas neste artigo vão de encontro à concepção de paisagem na visão de Cosgrove (2004), que enfatiza a experiência que se pode ter da mesma, possibilitando a criação de significados. O autor traz o entendimento da paisagem como um “modo de ver”, sendo impregnada de simbolismo. Assim, pode-se afirmar que:

Apreendemos a cidade em um processo marcado por nossos afetos e também pela atribuição de valores aos elementos que formam a paisagem urbana. Nesse processo, a cidade é enquadrada e nossas representações sobre ela auxiliam na construção da memória, tanto individual como social (MASSONI et al., 2017, p.147).

Ademais, em quase todos os locais de referência indicados no mapa, faz-se presente também o discurso do aparente abandono, da ausência de manutenção adequada e, no caso do HFSE e do Cais do Valongo, a ausência de adequada valorização que, em certa medida, podem estar relacionados à um contexto de investimentos seletivos nos espaços públicos, que ora se voltam para determinadas áreas de interesse na cidade, e ora para outras, variando em função do momento e de objetivos específicos dos atores envolvidos.

As grandes transformações promovidas no recorte do Porto Maravilha e já evidenciadas neste artigo, reforçam esse, que é um fenômeno característico das grandes cidades do Brasil e do mundo ocidental, onde, segundo Serpa (2018, p.26), “[...] a palavra de ordem é, portanto, investir em espaços públicos visíveis, sobretudo os espaços centrais e turísticos, graças às parcerias entre os poderes públicos e as empresas privadas”.

Em relação ao Cais do Valongo, por exemplo, as narrativas extraídas do Google Maps ressaltam o lado do abandono, ao mencionarem que “É um lugar com uma carga emocional fortíssima, porém sem o menor cuidado do poder público”. O mesmo se nota em textos levantados no Instagram sobre o HFSE, como o que lamenta ser “triste o abandono desse hospital, tantas vidas poderiam estar sendo salvas”. Por outro lado, as narrativas predominantes no Google Maps sobre o Mural Etnias ilustram o deslumbre com a beleza do local, considerando-o como uma “obra de arte muito representativa e lindíssima”. Levanta-se a reflexão sobre quais aspectos da cidade e de sua história e cultura se deseja valorizar a partir do direcionamento dos investimentos.

A partir da análise realizada, foram percebidos alguns contrastes entre as narrativas de cada um dos locais de referência, que denotam contradições presentes nas percepções em relação ao recorte. Nesse contexto, outro elemento que, segundo as narrativas, denota o abandono, especificamente no Jardim Suspenso do Valongo, é a presença da pichação, vista também como símbolo de sujeira e vandalismo. Por outro lado, no Mural Etnias o graffiti executado pelo artista brasileiro Eduardo Kobra é considerado uma obra de arte a céu aberto.

O Mural Etnias também é citado por diversas pessoas como um bom local para tirar fotos, o que denota um processo de instagramismo<sup>2</sup> da cidade, a partir do qual o local é considerado como bom ou ruim a partir do seu potencial ou não de garantir uma boa fotografia para ser postada na rede social. O mesmo se observa em narrativas sobre o HFSE e o Jardim do Valongo, mas com uma diferença: as boas fotografias seriam resultado não da beleza dos locais propriamente ditos, mas da paisagem do entorno por eles possibilitada.

Nesse sentido, chama atenção o volume de fotografias tiradas da cobertura do HFSE com a paisagem da Baía de Guanabara ao fundo, sendo destacada como “uma das mais belas vistas do Rio de Janeiro” nas narrativas presentes no Instagram. Entretanto, a visada oposta à ela, que enquadraria o Morro do Livramento, não aparece nas fotografias, nem mesmo é mencionada, explicitando uma certa seletividade quanto àquilo que se deseja enxergar e mostrar.

Outro contraponto que cabe ser destacado diz respeito à presença ou ausência de sensação de segurança. No Jardim e Cais do Valongo a ausência de segurança é atribuída a presença de usuários de drogas e moradores de rua nas proximidades; às poucas pessoas no local; à vizinhança (morro do Livramento) e a insuficiência de policiamento. Por outro lado, no Mural Etnias, apesar de haver também alguns poucos relatos de sensação de insegurança, prevalece o oposto.

Ao mencionarem os aspectos aos quais atribuem a insegurança, as narrativas expõem sua relação com membros estigmatizados da sociedade, como o morador de rua, o usuário de drogas e o morador da favela. Frente à esta constatação, é válido rememorar a visão de Bauman (2005) de que a ideia de perigo é inerente à sociedade moderna, pois “suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana” (BAUMAN, 2005).

Outro aspecto que fica evidente nas narrativas, é que o entorno do HFSE e do Cais do Valongo, os quais situam-se contiguamente, possui o potencial de evocar emoções negativas e a capacidade de incentivar a reflexão e/ou imersão. Por outro lado, o Mural de Etnias favorece a interação familiar e social; propicia o lazer contemplação e atrai por sua beleza. Junto à Casa da Tia Ciata e ao Jardim do Valongo, são vistos como locais agradáveis e, portanto, mais relacionados a emoções positivas. Tal constatação, coaduna com a forma como Zuanon et. al. (2020, p.6) traduzem o ato de andar pelo centro das cidades brasileiras: “Significa lidar com o enfrentamento de mundos contraditórios e antagônicos, cravados em uma só realidade”.

Tal fato fica evidente ao contrapor narrativas sobre o Cais do Valongo e Mural de Etnias, por exemplo, ambas provenientes dos comentários no Google Maps. Sobre o primeiro, questiona-se “quem não sente dor ou angústia quando vê e sabe a história desse lugar, não está entre os seres humanos. “[...] Tem muita tristeza aqui [...]”. Sobre o segundo, por sua vez, considera-se “tudo muito lindo e de uma qualidade que impressiona. Tão grande e com aquela precisão e encaixes que torna a obra com um todo muito divina”.

Assim, a análise realizada permitiu identificar uma pequena amostra sobre como a paisagem do recorte do Porto Maravilha estudado no artigo é percebida pelas pessoas através das narrativas digitais por elas tecidas. Reforça-se que tais narrativas constituem-se como representações, como versões dos fatos, percepções de mundo, e que “[...] os cidadãos, em suas práticas socioculturais, interagem de diversas formas com o ambiente urbano, moldando-o aos seus costumes e valores,

atribuindo-lhe significados e construindo diferentes representações sobre ele” (MASSONI et.al., 2017, p.148).

### 3.3 Narrativas urbanas através do picho, pixo e do graffiti

O espaço sócio-histórico-cultural onde os discursos são produzidos constitui-se como elemento estruturante das cidades, por ser determinante no lugar onde o sujeito é interpelado a significar, na medida em que os sentidos circulam por ela, e como afirma Silveira (2017, p. 51), “o sujeito busca significar-se numa cidade atravessada por sentidos/discursos que funcionam em relação a uma história de dizeres que os precedem”.

A região central das cidades, em geral, possui caracteres de uma conexão multiescalar, e a centralidade revelada pelo Porto Maravilha motivou a proliferação de planos para enfrentar o abandono e degradação dos bairros que integram esse trecho, como a Saúde, Gamboa, Santo Cristo e parte de São Cristóvão e Caju. Como afirmam Abascal e Bilbao (2021, p. 98), a “tal localização e relevância histórico-cultural da região portuária evidenciam sua importância multi- e interescalar, como continuidade do centro e nó estratégico de mobilidade”.

A cidade é afetada pelas significações individuais no imaginário e no espaço mental, estando subjugado à ilusão de transparência dos sentidos, e para complementar esse pensamento, Charadeau (2019, p. 13) afirma que “todo discurso é testemunho das especificidades culturais de cada país”. Na abordagem da análise do discurso, Charadeau (2019) define que existem dois tipos de abordagem da linguagem, que são a atividade de abstração (que se interessa do que nos fala a linguagem) e a atividade de elucidação (que se interessa por como nos fala a linguagem).

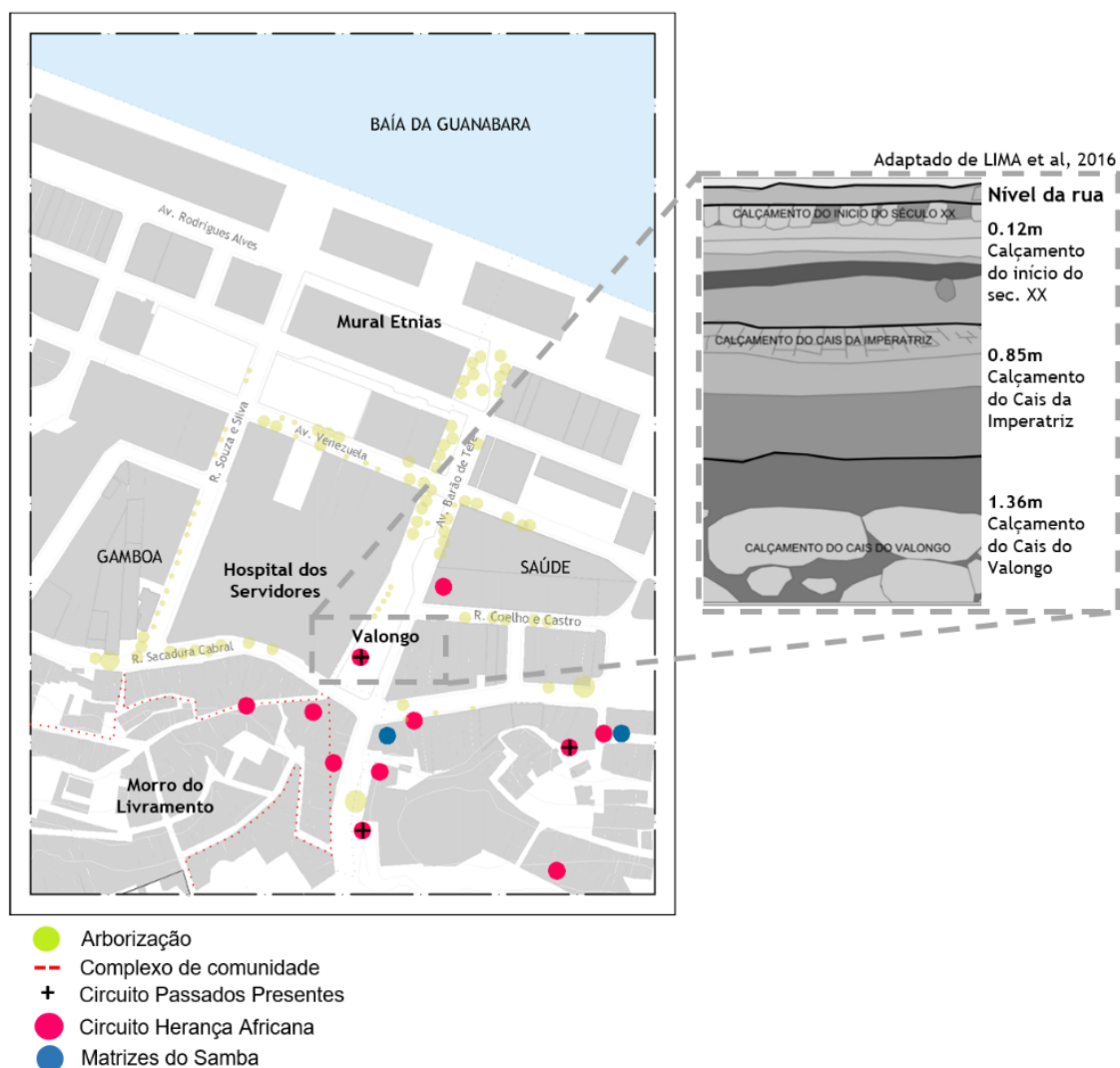
Dentro dessa perspectiva, este trabalho se delinea em busca da abstração no processo, interessadas no que nos fala a linguagem cunhada dentro da cidade, com foco direto nos pichos<sup>3</sup> e nos graffitiis<sup>4</sup> encontrados no contexto do recorte selecionado. Porém, antes de iniciar propriamente na análise sobre arte urbana, o processo deu-se primeiramente sobre o território, como num processo de decoupage reversa, promovendo o desfazimento da sobreposição de camadas, buscando um descortinar do urbano, já que é nesse cenário que a arte de rua encena.

Para o levantamento da Arborização no entorno do recorte analisado, o mapeamento foi realizado com base nas imagens de satélite do Google Earth Pro, atualizadas em outubro/2021 com auxílio do Autocad. Para situar o Morro do Livramento, foram utilizados os dados do Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (2019), pelo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. Para demarcação dos pontos históricos na história negra, cruzou-se os dados inventariados no Circuito Passados Presentes, elaborado pela Rede de Pesquisa Passados Presentes, além dos dados do Circuito Herança Africana, inventário elaborado pelo Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos.

Por fim, foram registrados marcadores do samba através de consulta aos dados do Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro (2007) e organizado pelo Centro Cultural Cartola. Diante dessas informações, foi possível mapear e elaborar a Figura 3 com o lançamento cartográfico desses elementos que compõem o território investigado. Também é possível visualizar a adaptação sobre a imagem elaborada por Lima (2016) em seu trabalho, com as profundidades de camadas de solo que foram retiradas para se alcançar o primeiro uso do trecho do Valongo, após as escavações arqueológicas do cais, de forma a revelar as camadas visíveis do processo invisível de apagamento e esquecimento da história.

<sup>3</sup> Em Lassala (2017, p. 46), “a pichação é, na essência, uma ação de transgressão para marcar presença” e “privilegia o uso da palavra (tipografia)”, e como assim são visualmente identificados os objetos de análise nesta seção, será adotada a expressão “picho” no decorrer do texto.

<sup>4</sup> Com original na língua italiana (*graffito* no singular e *graffiti* no plural), optou-se por utilizar a forma *graffiti* tanto no plural quanto no singular, para remeter à grafia original em italiano e diferenciar da palavra grafite que na língua portuguesa possui outros significados.



**Figura 3.** Camadas identificadas e suas sobreposições no recorte analisado (fonte: elaborada pelas autoras).

É possível notar que se trata de um trecho urbano com diversos fatores de composição quanto aos elementos discursivos e de imaginário, coletivo ou individual, que além de ser suporte da história, também faz a transição entre dois bairros, uma comunidade e o projeto de revitalização da área industrial do Porto, que como Abascal e Bilbao (2021) bem esclarecem:

Enquanto outras áreas se modernizaram, Saúde, Gamboa e Santo Cristo viram formas de vida e padrões habitacionais de baixa renda se consolidarem. Morros e comunidades no Porto Maravilha abrigam habitação de baixa renda, apresentando imóveis antigos e precários, como cortiços, e são palco de importantes manifestações culturais como o Samba. Hoje, realizações imobiliárias e infraestruturais na área não dialogam com a ocupação residencial característica, podendo-se afirmar que o novo dá as costas às formas de apropriação e uso preexistentes (ABASCAL; BILBAO, 2021, p. 99).

Ao observar o território mapeado, percebe-se a riqueza de elementos, visíveis e invisíveis, que conformam o lugar, como equipamentos públicos, marcos históricos do passado, pontos de vivência da cultura do samba.

Outro fator que pode ser observado são os espaços livres na ocupação construída do entorno. Segundo o mapeamento da situação fundiária na região elaborado por Werneck (2016), a propriedade dos imóveis se concentra nas mãos da Companhia Docas do Rio de Janeiro, da União ou de particulares caracterizados como pessoas jurídicas, o que provoca na região um esvaziamento devido a crise econômica, política e social que acometeu o Rio de Janeiro e fez o mercado imobiliário se retrair. (WERNECK, 2018)

Esse esvaziamento produz um palco para a formação de tantos outros imaginários, como o medo e a insegurança para alguns, mas também da liberdade diante da sensação de ausência de vigilância, para outros. Rancière (2009, p. 15) trabalha essa relação como a partilha do sensível, num “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas”, e nesse sentido, a repartição das partes e dos lugares se baseia numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade, que para o autor, “determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha”.

Tendo essa cena como tela, surgem os graffiti, os pichos e pixos<sup>5</sup>, denunciando práticas e dando visibilidade a causas e problemáticas, como uma provocação para ser olhado, que, como coloca Rancière (2009), a maneira de inserção social dos artistas ou as formas artísticas refletem estruturas ou movimentos sociais, assim, o autor explica melhor em outra obra que:

As imagens exibiriam ao mesmo tempo a inconsistência das aparências sensíveis a dissipar e a consistência de um mundo de dominação reversível pelos explorados, armados pela dialética. As imagens não seriam nada - somente simulacros da vida - e seriam tudo: a realidade da vida alienada, a consistência do mundo das ligações sociais fundadas sobre (RANCIÈRE, 2015, p. 198).

Desse modo, em busca do caráter discursivo presente nas artes de rua levantadas dentro do recorte espacial, parte-se do entendimento que, como reitera Eckert (2019, p. 8), “todas as artes e ofícios de produção, sem exceção, são simetricamente importantes, todas as sociedades em suas ciências, estéticas, suas representações coletivas, seus fenômenos morais e jurídicos, suas expressões corporais, suas expressões religiosas e de sociabilidades”.

É nessa importância de expressividades que foi realizada a análise das fachadas e superfícies verticais do entorno, pesquisando visualmente através de um flâneur virtual pelo Google Street View, devido ao momento de enfrentamento à pandemia de Covid-19. Foi possível elaborar uma cartografia visual das fachadas, que pode ser observada na Figura 4, onde o graffiti está na cor rosa e os pichos/pixos estão em azul marinho.

---

<sup>5</sup> Em PEREIRA (2018), pixo (com x) é uma representação gráfica entre a letra e o símbolo e diz respeito à grafia que é entendida apenas pelos integrantes do movimento, como as inscrições que se repetem em distintos lugares da cidade.





**Figura 4.** Mapeamento da presença de graffiti, pichos e pixos no entorno (fonte: elaborada pelas autoras).

Graffiti, picho e o picho são, muitas vezes, alvos de perseguição e apagamento, no âmbito de processos de alisamento urbano. Pode-se notar uma evidente diferença na presença do picho/pixo em relação ao graffiti. A maioria possui inscrições, sejam elas legíveis ao público em geral ou com assinaturas muito específicas.

Eckert (2019, p.9) afirma que “escrever (ou desenhar) na parede tem outra repercussão coletiva, chega a uma plateia mais vasta”. Ousa-se dizer que por isso, quando algo se pretende comunicar para a cidade através das suas paredes, costuma ser entendido de forma diversa pelos os sujeitos, onde “nem tudo se encaixa na categoria de arte, tal como socialmente é definida”.

No caso do Porto Maravilha, iniciativas institucionais de reestruturação urbana incorporaram os graffitis como atrativos turísticos, onde as fachadas dos armazéns do cais foram transformadas em galeria de arte a céu aberto, como na realização do Mural Etnias, do grafiteiro brasileiro Eduardo Kobra, na orla da Baía da Guanabara.

Na Figura 5 está um compilado de imagens dessas expressões encontradas nas fachadas e, ao lado, tem-se a sua localização dentro do recorte. As imagens de 1 a 5 referem-se a alguns graffitis identificados; de 6 a 10 tem-se alguns pichos e de 11 a 13 estão alguns pixos.



**Figura 5.** Compilado de graffiti, pichos e pixos presentes nas fachadas (fonte: elaborada pelas autoras).

Beatriz Sarlo (2014) afirma que “a cidade em que houve intervenção da arte transforma o flâneur em um performer”, ou seja, o pedestre que caminha por aí agora pode interagir com a arte, e ao se ver estimulado, poderia passar a atuar, para além de somente estar. No entanto, os graffiti realizados fora da “área revitalizada” não ganham a mesma atenção do mural Etnias, estando presentes na fachada de edifícios institucionais, como o Hospital dos Servidores e numa escola municipal, mas também em prédios com aspecto de abandono.

Oliveira (2018) se propôs a questionar em seu trabalho porque as iniciativas institucionais de revitalização urbana se interessam pela prática do graffiti, uma vez que seu uso nunca foi neutro ou inocente, e concebe que o processo de culturalização do espaço urbano baseado na imagem das cidades tem mais de quarenta anos, sendo essa culturalização uma forte tendência de renovação de áreas urbanas estratégicas, com o objetivo de criar ícones culturais capazes de competir, a nível internacional, por investimentos e turismo.

Desse modo, percebe-se que o interesse em apoiar iniciativas artísticas que deem visibilidade ao que se espera para a imagem de uma cidade cosmopolita e good vibes, enquanto as demais expressões visuais ao longo da cidade seguem invisibilizadas, buscando atenção, muitas vezes sem nem a denominação do artista.

Kogawa (2019) menciona outro fato importante quanto aos discursos urbanos dessa tipologia, onde a tipificação legal delimita duas posições para o sujeito nas duas diferentes práticas: pessoa pode ser “criminoso” ou “artista” dependendo do tipo de manifestação em que figure como autora.

Um contraponto deve ser feito sobre os pichos encontrados, que podem traduzir significados relacionados ao campo histórico do território, como na Figura 5, fachada 8 - “fogo nos racistas” e fachada 9 - “cultura em 1º lugar”, talvez na referência sobre os acontecimentos locais da história negra. Já as fachadas 6 e 7, respectivamente, dizem “SOS a saúde pede socorro” e “aborto maravilha”, pautas relacionadas a discussão da saúde e política públicas. Kreher (2021, p.130) afirma que “o picho não provoca somente alterações na estética urbana; ele produz outras sensibilidades entre os transeuntes e o muro. (...) São esses múltiplos engendramentos (...) que conduzem nosso pensamento sobre as práticas de governo e de liberdade exercidas no espaço urbano”.

Após esse levantamento, torna-se possível, e até mesmo importante, elaborar um entrecruzamento com as narrativas abordadas na sessão anterior deste artigo, pois como diz Kogawa (2019, p.9), “nosso corpus constitui-se justamente dessa heterogeneidade na medida em que materializa um discurso revolucionário que “anda de mãos dadas” com o discurso conservador”, ou seja, “dentro dessa arena conflitante, emergem efeitos de deslizamento no jogo interdiscursivo de quebra/manutenção de uma memória”.

Portanto, entrecruzar o discurso visual das ruas com as narrativas de pessoas que “avaliaram” alguns locais no entorno, pode revelar outras dimensões perceptivas, tangíveis ou intangíveis. Os resultados observados diante da sobreposição de todas as camadas podem ser lidos no Quadro 4:

Quadro 4. Resultados do entrecruzamento das camadas e narrativas de avaliação (fonte: elaborado pelas autoras).

<b>Camadas entrecruzadas</b>	<b>Resultado observado</b>
Má conservação de fachadas + Esvaziamento e/ou abandono dos imóveis + pichos/pixos + Narrativas digitais (percepções nº 4 e 13)	A situação de má conservação das fachadas dos prédios causada pela umidade e/ou abandono dos prédios provocam um ambiente propício para os pichos que se repetem ao longo do trecho, como provocação para algo que precisa ser olhado, seja como denúncia social ou como elemento de demarcação territorial.
Arborização + Alisamento urbano + Narrativas digitais (percepções nº 8, 10 e 11)	A relação de ausência de arborização permite uma visualização mais ampla por parte do pedestre e somado às características do alisamento urbano e da preferência por fachadas retas provocam um ambiente mais facilmente aceito quanto às condições de segurança e embelezamento urbanos..
Arborização + Esvaziamento e/ou abandono dos imóveis +Graffitis e pichos + Narrativas digitais (percepções nº 4 e 7)	Apesar das fachadas com graffitis, a arborização mais densa, somada a umidade e outras condições de má conservação das paredes provocam um ambiente desconfortável e sensação de insegurança.
Pontos turísticos/relevantes + pichos + Narrativas digitais (percepções nº 6 e 16)	Avaliações de pontos históricos que propiciam focos de observação mais altos sobressaem à observação usual do pedestre, sendo deslocada para o entorno, abstraindo as queixas sobre os pichos e sensações adjacentes às manifestações.

Ao propor percorrer os discursos urbanos como estratégia de pesquisa, cabe mencionar que, em sua essência, a arte urbana é efêmera, não sendo feita para durar. Para Carlsson (2015, p.9), o objetivo de quem a faz não é a perfeição, mas ao contrário: “usar a sua arte para abraçar as coisas que o torna ‘humano’ e, em seguida, compartilhar essa humanidade com as demais pessoas”. A proposta aqui jamais ousou em esgotar as análises possíveis, principalmente por reconhecer a subjetividade do espaço urbano e por entender que, na análise do discurso, toda fala define-se em relação a outras falas, sendo possível afirmar que há tantos percursos históricos quantos forem os sujeitos a falar.

#### **4. Aspectos conclusivos**

Este artigo buscou evidenciar as variadas camadas que conformam a paisagem do recorte geográfico delimitado para estudo no Porto Maravilha. Diante das limitações impostas pela pandemia de Covid-19, optou-se por explorar o potencial de fontes documentais diversas e disponíveis de forma online, como o Google Maps, Earth e Street View, além do Instagram, para o levantamento de dados e narrativas que, após serem analisados, foram convertidos em mapeamentos.

Com o intuito de compreender as representações culturais que se constituem sobre o local e evidenciar suas diferentes camadas, foram estabelecidos três focos de investigação - no processo histórico de transformação da paisagem, nas narrativas digitais como elementos de percepção da paisagem e nos discursos urbanos através do picho e do graffiti. O entrecruzamento das informações obtidas em cada uma dessas etapas expôs as múltiplas interações existentes entre as camadas, que confluem para a conformação da paisagem e para a forma como as pessoas se relacionam com ela.

A riqueza de elementos visíveis e invisíveis constatada no recorte expôs sua singularidade mas, também, as contradições existentes. Sua história constrói-se sobre apagamentos, num processo de investimento e valorização seletivo e intencional, que escancara a visão da cidade como um produto de valor, a partir do qual a busca pelo lucro desconsidera parte da memória, da cultura, dos símbolos, que “não se enquadram” num cenário que viabilize a circulação de capital.

As narrativas digitais obtidas através dos comentários realizados nas avaliações sobre lugares no Google Maps e dos textos vinculados à marcações em fotografias compartilhadas no Instagram somadas aos discursos urbanos tecidos a partir do picho, picho e do graffiti, por sua vez, configuraram-se como representações culturais que traduzem a percepção do lugar no imaginário social.

O levantamento e mapeamento das principais percepções presentes nas narrativas sobre o Jardim do Valongo, a Casa da Tia Ciata, o Hospital Federal dos Servidores do Estado, o Cais do Valongo e o Mural Etnias forneceu um panorama não apenas de como as pessoas se relacionam e veem estes locais em específico, mas o recorte como um todo, salientando que o contato com a paisagem urbana de um determinado local e os elementos simbólicos que fazem parte da mesma, proporcionam uma amálgama de experiências, memórias e sensações individuais e coletivas.

O compilado de expressões encontradas nas fachadas das edificações do recorte, assim como as narrativas digitais, ressaltaram contrastes. Se por um lado foi possível traduzir significados relacionados ao campo histórico do território e à pautas da saúde e política públicas, por outro, iniciativas institucionais de reestruturação urbana incorporaram os graffitis como atrativos turísticos. O entrecruzamento do discurso visual das ruas com as narrativas digitais sobre os locais de referência no entorno, revelaram outras dimensões perceptivas, tangíveis ou intangíveis, que refletem como o teor dos discursos urbanos através do picho, picho e graffiti, bem como sua localização no tecido da cidade, estão associados aos diversos fatores da paisagem.

O Porto Maravilha, portanto, no reduzido recorte explorado pelo artigo, se revela um palimpsesto, permeado de histórias, memórias, manifestações culturais, usos, apropriações, significados mas, também, apagamentos, contradições e conflitos, visíveis e invisíveis, conformando sua paisagem e as representações culturais sobre ela constituídas.

### Referências:

ABASCAL, Eunice H. S.; BILBAO, Carlos A. **Em busca da escala local: Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha, atualidade e perspectivas.** In: Estudos Avançados, 2021, n°. 35, p. 95 - 110. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35102.006>. Acesso em 30 out. 2021.

ARNOLD, Dana. **Reading Architectural History.** Abingdom: Routledge, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BONTA, Juan Pablo. **Sistemas de significación en arquitectura: un estudio de la arquitectura y su interpretación.** Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

CARLSSON, Benke. **Street Art: técnicas e materiais para arte urbana.** São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

- CHARADEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2019.
- COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.
- DNIT. **Manual de Drenagem de Rodovias**. 2ª edição. Rio de Janeiro: IPR 724, 2006.
- ECKERT, C.; DIÓGENES, G.; DABUL, L.; CAMPOS, R. **Arte e cidade**: policromia e polifonia das intervenções urbanas. In: Horiz. antropol., Porto Alegre, ano 25, n. 55, p. 7-18, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832019000300001>. Acesso em 30 out. 2021.
- FILHO, José Augusto Lira. **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012.
- FINKLER, Raquel. **Planejamento, manejo e gestão de bacias** - unidade 1. 2010. Disponível em: [https://planejamento.mppr.mp.br/arquivos/File/bacias\\_hidrograficas/planejamento\\_manejo\\_e\\_gestao\\_unidade\\_1.pdf](https://planejamento.mppr.mp.br/arquivos/File/bacias_hidrograficas/planejamento_manejo_e_gestao_unidade_1.pdf). Acesso em 16 nov. 2021.
- JORDÃO, Rogério Pacheco. **O antigo mercado de escravos do valongo no Rio de Janeiro como lugar de memória, a cruz baçongo e as leituras da história**. In: XIII Congresso Internacional da ABRALIC, UEPB – Campina Grande, PB, 2013. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/abralic/2013/Completo\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_318\\_db5a6eb091880dc4622a134fa9d490bf.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/abralic/2013/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_318_db5a6eb091880dc4622a134fa9d490bf.pdf). Acesso em 14 nov. 2021.
- KOGAWA, J.; KNETSCH, P. B. **Por uma análise do discurso “revolucionário” em pichações**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 61, p. 1–17, 2019. DOI: 10.20396/cel.v61i1.8653465. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8653465>. Acesso em: 29 out. 2021.
- KREHER, Rodrigo; REIS, Carolina; HADLER, Oriana; GUARESCHI, Neuza Maria. **Picho como ferramenta de profanação das práticas de normalização da cidade**. In: Revista Pixo, v. 5, nº 16, Ano 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/19170>. Acesso em 11 nov. 2021.
- LASSALA, Gustavo. **Pichação não é pixação**: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. São Paulo: Altamira Editorial, 2017.
- LIMA, Tania Andrade; SENE, Glaucia Malerba; DE SOUZA, Marcos André Torres. **Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX** in: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.24. n.1. p. 299-391. jan.- abr. 2016.
- LIMA, Amanda Cavaliere. **Dilemas e contradições da “revitalização” de áreas centrais e zonas portuárias**: uma análise à luz dos diferentes produtores do espaço urbano na zona portuária do rio de janeiro. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGG, Rio de Janeiro, 2013.
- MACEDO, Ana Beatriz Fernandes; TOURINHO, Helena Lúcia Zagury; BRAGA, Ana Cristina Lopes. **Afuáguas**: a relação entre paisagem e percepção urbana na cidade de Afuá (PA). In: Revista Paisagens Híbridas, v.1, nº 2, p. 156-179, Ano 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ph/article/view/22973/12865>. Acesso em 13 nov. 2021.
- MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil: 1783 – 2000**. São Paulo: Editora da USP, 2015.
- MANOVICH, Lev. **Instagram and the contemporary image** - Subjects and Styles in Instagram Photography. v. 1, 2016. Disponível em [http://manovich.net/content/04-projects/090-subjects-and-styles-in-instagram-photography-part1/lm\\_instagram\\_article\\_part\\_1\\_final.pdf](http://manovich.net/content/04-projects/090-subjects-and-styles-in-instagram-photography-part1/lm_instagram_article_part_1_final.pdf). Acesso em 16 nov. 2021.

MASSONI, Luis Fernando Herbert; DAMIN, Marina Leitão; MORIGI, Valdir; DODEBEI, Vera. **As narrativas da cidade no aplicativo Porto Alegre Guide**. In: Revista Informação & Sociedade: Estudos, v.27, n° 1, p. 147-160, Ano 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/31229/17419>. Acesso em 11 nov. 2021.

MORÍNIGO, Fábio Cupertino. **Dos primórdios ao HSE**. In: Revista médica do H.S.E, online , v. 2 , n° 35, Ano 2001. Disponível em: <http://www.hse.rj.saude.gov.br/profissional/revista/35b/primeiro.asp>. Acesso em 14 nov. 2021.

OLIVEIRA, Aline S. **Boulevard olímpico: el graffiti como práctica cultural de la ciudad**. In: Anales de Investigación en Arquitectura, v. 8, n. 1, p. 83 - 104, 2018. Disponível em: <https://revistas.ort.edu.uy/anales-de-investigacion-en-arquitectura/article/view/2865/2874>. Acesso em 30 out. 2021.

ORLANDI, Eni P. **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Unicamp, 2003.

PEREIRA, Júlio Cesar Medeiros. **À flor da terra: o cemitério de pretos novos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, Iphan, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Traduzido por: Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n 3, 1989

RANCIÈRE, Jaques. **A partilha do Sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jaques. **As imagens querem realmente viver?** In: ALLOA, Emmanuel (Org.). Pensar a imagem. Tradução coordenada por Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista: mercadorias e cultura urbana**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SCHLEE, Mônica Bahia. et. al. **Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras: um debate conceitual**. Revista Paisagem e Ambiente: ensaios, n. 26, São Paulo, p. 225-247, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77358>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2018.

SILVEIRA, Paolla C. A. **Cidade transversal: semantização do espaço urbano em Campos dos Goytacazes/RJ**. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2017.

SIRKIS, Alfredo. **A revitalização do Centro da cidade do Rio de Janeiro e da Zona Portuária**. In: SCHWEIZER, Peter José; CESARIO, Sebastiana (orgs.). Revitalização de centros urbanos em áreas portuárias. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2005.

WERNECK, M. **Porto Maravilha: agentes, coalizões de poder e neoliberalização no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

WERNECK, M. **A estagnação da dinâmica imobiliária e a crise da operação urbana do Porto Maravilha**. In: Observatório das Metrôpoles, Informe Crítico, 2018. Disponível em: [https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/download/informe\\_criseportomara-vilha\\_2018.pdf](https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/download/informe_criseportomara-vilha_2018.pdf). Acesso em 30 out. 2021.

ZUANON, Rachel; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva; FERREIRA, Cláudio Lima; MONTEIRO, Evandro Ziggiatti. **Memória, emoções e sentimentos: impactos na percepção espacial e afetiva**

da área urbana central de Campinas. In: DATJournal, v.5, nº1, p. 4-18, Ano 2020. Disponível em: <https://datjournal.anhemi.br/dat/article/download/166/135/>. Acesso em 13 nov. 2021.

---

<sup>2</sup> O autor Manovich (2016) batiza de “instagramism”, algo como “instagramismo”, essa mistura de mídias e linguagens que ofereceria uma nova visão do mundo e sua linguagem visual, mas diferentemente dos movimentos modernistas da arte, é composto por milhões de autores conectados a rede social Instagram que julgam o que torna uma imagem interessante ou com potencial para ser postada.